

poemas de

Claudio Willer

a verdadeira história do século XX (inédito) & **estranhas experiências** (2004)

de **a verdadeira história do século XX**

inédito
(seleção)

POESIA PICTÓRICA, VISUAL: SIMBOLOGIA DA ÁGUA

Quando a praia onde você está é sentida como real unicamente por trazer a
lembrança viva dos cheiros, claridade e ruídos da outra praia onde você
esteve, muito tempo atrás
quando nada mais resta, a não ser a impressão de que viver foi inútil e de que
morrer é algo totalmente idiota,
filtrada por uma sensação do sublime, de estar com os pés no chão
ou então
quando ao retornar já de madrugada, deu-me a impressão de que se abria um
abismo, passagem para outro plano no encontro das ruas Pernambuco,
Rio de Janeiro e Praça Vilaboim, e isso foi igual a ver que nada mais fiz
até hoje exceto seguir os rastros da minha própria morte,
quando, enfim, a vida não passa de um pretexto:
então, selecionar para publicação o que for mais estranho, anguloso,
geométrico porém fora de esquadro, e que possa ser recitado em um
tom de voz bem inocente, de quase surpresa, simulando ser alguém que
mal acredita no que está a dizer

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO SÉCULO XX

contemplação: estrela no fundo do mar

ocê: véu de gaze azulada roçando, suave apelo

furacão: róseo

perfeição: parábola de perfumes

lâmina: a mente alucinada

gruta: você e os arcanos da natureza

matemática do sonho: esta nuvem

gelo: explosão de relâmpagos

essa solidez, essa presença: capim ao vento

rápidos, passando à frente: lavanda

e também sombra de árvore

montanha: inteiramente nossa

intimidade sorridente: no calor da tarde

Íris: o nome da flor, o seio ao sol

- quanta coisa você fez que eu visse

o acaso nos transportava e podíamos ir a qualquer lugar
o mundo tinha janelas abertas
e tudo era primeira vez

gnose do redemoinho, foi o que soubemos

2

ANOTAÇÕES PARA MINHA BIOGRAFIA NO CENTENÁRIO DE ALFRED HITCHCOCK

sempre amei as imagens

mas eu queria mesmo era ser um narrador

modo de assemelhar-me ao cineasta da vertigem

e foi assim que passei a sentir vontade de escrever

sobre o mistério do rosto daquela mulher

que segue ao encontro do aventureiro

que a cada dia tem que reiniciar

a dolorosa caminhada

rumo à torre, à esquina, à margem, ao centro

à fatal reconquista da felicidade a dois

quando tão pouco importa o abismo

pois a vida passa depressa demais

e só queríamos um momento, um único instante nosso

– e agora sou eu

aquele que mergulha

no frio oceano da paixão

– agora sou eu

aquele que caminha

cego e surdo

através do estrondo, da revelação, do clarão, da imensidão

para sempre prisioneiro dessa história

da vida como risco permanente de um passo em falso

e agora sou eu

para quem as fachadas de San Francisco se fecham em círculo

cuidado

olhe bem

o efêmero está aí

é preciso desvendar

desvencilhar-se

para saber

quem fui

o que sou

cuidado

de **estranhas experiências**

2004
(seleção)

ANOTAÇÕES DE VIAGEM

2

PRAIA NA ILHA

é assim que eu gosto: ninguém por perto
só o acolchoado de areia macia
estendido entre as dunas
onde o esforço de andar
transforma os passos em gestos voltados para baixo
na direção do caldeirão
onde se debate a fumegante cordoalha
labirinto de convulsões
vazio atravessado por espasmos
novelo de tentáculos de espuma, de correnteza polar
e as mãos de gelo
que apertam a garganta e deslizam pelo ventre
são as labaredas de mar, ganchos fincados nas costas
para nos arrastar ao fundo
– penetrar nesse abismo
é navegar o dorso da morte, transformar a consciência
em pátio de ventanias -

mas, no entanto
não somos daqui
viemos de muito longe
para descobrir a derradeira praia deserta
no costão oceânico da ilha
cercada por muralhas de vento e claridade
onde cobertores de maresia
são estendidos sobre nossos corpos
mansamente reclinados
sobre a pele dourada do Tempo

Praia Mole, Florianópolis, 1981

3

CARTA

Ao artista plástico Elvio Becheroni, a propósito de seu livro Luoghi di Memoria

Você me pede para escrever algo para seu livro de gravuras
quer que fale do Rio de Janeiro
e conte histórias
de lugares e viagens e memórias
talvez
qualquer coisa
como em 1979, eu chegava ao Rio de Janeiro
pelo caminho do litoral, pelas praias da Rio-Santos
trazia no rosto queimado de sol a expressão tranqüila

dos que vivem à beira-mar
qualquer coisa
como aquela noite no alto da Urca
então chamava-se Concha Verde
e antes chamara-se Frenetic Dancing Days
ela tentava convencer-me
de que as luzes da cidade eram olhos dourados que piscavam na neblina
e eu concordava que havia ruídos de mar
ressoando no bojo da nossa loucura
qualquer coisa
como aquele dia inteiro passado a caminhar na praia:
impulsionava-nos certa atração pelo sublime
e nós nos entretínhamos a decifrar a errante caligrafia do tempo
nervosamente rabiscada na pauta das ondas
até que punhais de nuvens arcaicas emoldurando o entardecer
viesses se cravar em nosso infinito
e sentíssemos os cabelos da noite crescerem vagarosamente
pois a escuridão havia chegado
para reclinar-se em seu colchão de maresias
então,
entre a onda e o lampejo da onda
entrevimos o perfil em chamas de nossos corpos
entre o vivido e o não-vivido
o traço cambiante da arrebentação
entre os ruídos do mar e os ruídos da cidade
a complicada geometria de nossos silêncios
e um inesperado perfume de jasmíns

por mim
nunca mais sairia dali
ficaria por lá mesmo
para sempre percorrendo a praia
a acompanhar a insofrida inquietação dos astros presos a suas órbitas
mas acabamos nos perdendo
entre redomas de luz amarela de mercúrio
nos confusos labirintos de um jardim
e há tantas histórias a serem contadas
e você me pede que escreva sobre o Rio de Janeiro
mas não existem cidades
são nossas viagens que criam roteiros
– mapas de superfície luminosa como estes em seus quadros, reflexos do céu
mais estrelado de Samarcanda, do límpido entardecer florentino, o outono
transparente de São Paulo mais a inquietante névoa de Nova York, lampejos
dourados de um campo lombardo, seu poente animado pelo sopro da planície
as cidades não existem
só os encontros são reais, as prolongadas conversas
capazes de transformar qualquer lugar em praia deserta ao anoitecer
só existe o diálogo,
nossa primitiva capacidade de nos sentar ao redor da mesa
para atravessar a noite contando histórias
de viagens, descobertas, visões
com a candura de garotos trocando figurinhas
investidos, porém, da nossa identidade de bruxos
fazendo soar seu tambor noturno
sabendo-nos observados o tempo todo, de relance
pelo rosto insone do Belo

4

RUÍNAS ROMANAS

Quantos poetas

já não estiveram aqui

quantos poetas

já não escreveram

sobre a ofuscante aniquilação

diante desses dramáticos perfis minerais

tão próximos da pedra original

do barro anterior à forma

coisas

reduzidas a não mais que montanha

quase natureza

coisas

na fronteira da mão que trabalha, do vento, da água

aqui

ressoam os silvos do vento

aqui

ecoa a ensandecida voz do oco, do cavo, da fresta

- silêncio matizado de sussurros

e agora

eu também sou um dos que enxergam:

o informe

o monstruoso passado

- foram os escultores do avesso

que as reduziram a isso

os autores

do cruel teorema

que nos condena ao presente

e repete

que nada sabemos, nada vale a pena

pois passado e futuro só existem

como passo para a informe eternidade

- a custo divisamos lá fora

a realidade logo ali, logo aqui:

outro lugar

onde existiremos menos ainda

nós

é que somos os fantasmas

e a solidez

é o que está aí,

nas ruínas

que não param de repetir

que isto

- NADA -

é tudo o que temos

CHEGAR LÁ

E agora, quero a palavra reduzida ao simples gesto de agarrar alguma coisa, pura denotação, linguagem-referência, mão estendida apontando para esses pedaços de realidade - ou então a festa com todos os seus fantasmas sentados no sofá de absinto enquanto sangram os dedos da memória, tudo verdadeiro no limite do que possa ser verdade, o caderno escrito de trás para diante e o livro lido a partir da última página, e também poderia falar das nuvens de vapor e cortinas de fumaça nos quartos, e narrar a história completa das febres tropicais - porém só nós dois fomos capazes de nos mover nesse plano intermediário em que realidade e sonho se confundem, tocados pela sugestão de outra cena ou situação. Essência, é esse o nome da nossa transação. Essência, essência! - grita a legião dos Irreais desde o bojo de sua existência provável. Essência, o verdadeiro nome do jogo de mutações. Desnecessário falar em alucinações - é como atravessar uma parede invisível, e já estamos lá. O texto febril. As luzes acesas. As luzes acesas. As luzes - acesas. Por exemplo - mas o número de exemplos é maior que toda a existência - por exemplo as luzes acesas, rebatidas meio cruamente pelos azulejos brancos iluminando nossos corpos enquanto nós nos preparávamos para começar mais um jogo amoroso. Lembro-me também das praias desertas, percorridas de ponta a ponta. Ou quando descobrimos aquela cachoeira no meio da mata, aquela cachoeira que devia ter uns 30 ou 50 metros de queda livre, seus respingos gelados nos alcançavam na margem, impossível chegar muito perto - aquela cachoeira descoberta no meio da mata nos induzia à cumplicidade. As luzes acesas. Cumplicidade. Essência. E aquele espelho antigo - aquele espelho antigo bisotado, patinado, recoberto pelo amarelo do tempo - aquele espelho antigo nos refletiu durante uma tarde. Estava na penteadeira diante da cama no quarto do casarão colonial de fazenda, com os demais móveis maciços e pesados e o cheiro de pó, de coisa antiga do quarto. Também encontrávamos muitos santuários religiosos em nossas viagens, era como se nos impulsionasse uma atração magnética pelo sagrado. Certas tardes insuportavelmente quentes, abafadas demais. Houve um tempo em que. As luzes. Essência. Impregnando irremediavelmente tudo o que foi feito depois. Como a transgressão é cotidiana e imperceptível, como ser maldito é apenas uma espécie de indiferença, lassidão, o deixar-se levar. O cheiro de pó sobre os estofados. Eu quero que tudo fique muito claro. Não só as palavras, o texto, porém outro plano, agora definitivamente grudado ao real. Ficou um cheiro estranho, impregnando a pele. Tudo verdadeiro. Tudo. Mas esse gesto de contar histórias impossíveis, qual é seu significado? Que botão apertei? E agora, não deixar pedra sobre pedra. Transformar o cotidiano em hipérbole, labirinto onde todos se perderão brincando despreocupadamente. A opacidade é quase banal. O jogo da vida e da morte é trivial. Despertemos a

irascível criança que habita dentro de cada um de nós. Não há mistério. Que não se fale em loucura. O lado de lá, o lado de lá que caminha suavemente sobre suas sandálias de sola de borracha, o lado de lá disfarçado em arte plumária, o lado de lá que sorri afavelmente enquanto nos olha de soslaio, o lado de lá é simples e está aqui, basta estar aberto e disponível. Somos deuses.

Poeta, ensaísta e tradutor, **Claudio Willer** nasceu em São Paulo, 1940. Sua obra apresenta forte vínculo com a criação literária desenvolvida pelo surrealismo e pela geração *beat*. Tradutor de Lautréamont e Ginsberg, dentre outros. Como crítico e ensaísta, colaborou em suplementos e publicações culturais: Jornal da Tarde, Jornal do Brasil, Isto É, Leia, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Cult, Correio Braziliense, etc; e na imprensa alternativa: Versus, Singular e Plural e outros. Co-editor da revista eletrônica Agulha, também edita o blog <http://claudiowiller.wordpress.com/>. Doutor em Letras pela USP, com tese defendida em 2008 com o título “*Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e Poesia Moderna*”, lançada em livro pela editora Civilização Brasileira.